

Introdução

O objetivo desta pesquisa é investigar o modo como determinados grupos de jovens vivenciam a violência e explicitam a compreensão do risco e da vulnerabilidade a que estão expostos, bem como a relação que estabelecem com a eminência da morte.

O tema desta investigação parte da constatação de que a violência que aflige o país envolve toda a população, mas atinge principalmente os jovens. Nos debates que se instauram em torno da violência, diferentes visões e enfoques buscam apresentar soluções, porém, nem sempre as propostas estão em comum acordo, mostrando, contudo, unanimidade em relação à gravidade do problema.

Para se ter idéia da dimensão do problema basta saber que, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) do percentual de óbitos por homicídios ocorridos no Brasil mais da metade vitimiza a população entre 15 e 29 anos.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo investigar o modo pelo qual os jovens vivenciam a experiência da violência e do risco, tendo como fio condutor as seguintes indagações: (i) qual o impacto nos jovens da convivência indistinta com a morte imposta pela violência urbana? (ii) que tipo de experiência subjetiva em relação à própria morte, a proximidade com a morte do outro desencadeia? (iii) qual a possibilidade que os jovens têm de planejar o futuro, inseridos numa realidade que questiona o porvir a partir da freqüente incidência de morte prematura?

Para responder essas questões desenvolveu-se uma metodologia específica que teve como principal foco a escuta dos jovens – protagonistas da problemática – e a representação que essa faixa etária constrói acerca da própria realidade.

O primeiro capítulo apresenta e dimensiona de maneira sucinta o problema do estado de vulnerabilidade e o contexto de violência urbana que aflige a juventude contemporânea. Nesse capítulo, gráficos e estatísticas expõem a complexidade do problema amparados por recortes de jornais que ilustram a questão no campo social, tema do segundo capítulo.

A pesquisa propriamente dita aconteceu em três etapas: de campo e análise. A coleta e arquivamento de notícias de jornal foi tema do segundo capítulo da dissertação. Neste momento, o jornal foi essencial, pois trouxe à tona

uma realidade conhecida muitas vezes apenas a partir de dados e estatísticas, dando maior concretude ao tema. Entre os meses de maio de 2008 a janeiro de 2009 foram pesquisadas e selecionadas, do jornal O GLOBO, notícias referentes a situações de risco, vulnerabilidade e óbito envolvendo jovens no Brasil. Nessa investigação, tendo por base um jornal de grande circulação, buscou-se uma aproximação com o modo como os discursos jornalísticos representam a violência e a vulnerabilidade da juventude brasileira, ou seja, os modos como estes fenômenos se expressam e são disseminados no campo social.

Como jornalista de formação as notícias, independente da editoria, nunca me foram indiferentes. Natural, visto que aproximadamente dois terço do curso de graduação em comunicação social são dedicados a apuração de informações e a melhor maneira de apresentá-las em forma de reportagem ao seu público-alvo. Callado (2002) esclarece melhor essa função:

O jornalista busca a simplicidade para fazer-se entendido pelo maior número possível de leitores. Nessa busca deve repudiar não somente a adjetivação opinativa como toda e qualquer expressão que possa tornar penosa a leitura do jornal ao homem comum (...) a única coisa importante na imprensa é a notícia. (p.42)

Quando me interessei pela temática da alta incidência de óbitos entre os jovens e iniciei uma investigação ainda experimental sobre o assunto, percebi que meu interesse pelo assunto residia menos na forma e modo como essas notícias são apresentadas – embora esse seja um fato relevante para a pesquisa – mas, mais nas implicações que a propagação dessas notícias tem nos jovens. Nesse sentido, de maneira contrária ao que Callado nos apresenta, todo meu interesse estava para além da notícia e, portanto ficou claro que essa não era uma pesquisa para ser desenvolvida com foco no jornalismo e nas suas práticas. A objetividade e a simplicidade que a abordagem jornalística exige não me permitiriam responder as perguntas que neste trabalho me proponho.

Não quero dizer com isso que não há espaço na mídia para um jornalismo crítico e sensível, se o dissesse estaria sendo injusta com inúmeros colunistas e cronistas que diariamente vão além de suas tarefas de informar e nos convidam a reflexão e ao engajamento. Ao contrário, quero crer que os jornalistas, em sua maioria desejam sim contribuir mais do que fornecendo informação. No entanto,

em seu papel fundamental de noticiar os fatos de maneira objetiva, respondendo ‘onde?’, ‘quando?’, ‘quem?’, por quê?, ‘como?’, ‘o que?’¹, aquele que escreve a matéria vê-se obrigado a ser demasiado direto e, nesse sentido, pouco reflexivo.

Tampouco sugiro que seja uma prática comum a todos os meios, existem inúmeras revistas e periódicos que se dedicam a investigar os fenômenos sociais convocando especialistas das mais variadas áreas. Entretanto é possível perceber em alguns veículos de comunicação impressa – sobretudo nos jornais diários – que suas reportagens, quase sempre ilustradas, não parecem ter como objetivo trazer à tona a discussão e a reflexão sobre o terrível da violência, ou mesmo produzir uma nova consciência acerca deste tema. Com frequência, o atroz explicitado nas páginas objetiva meramente o choque, a perplexidade e o aumento das vendas.

É consenso na análise dos diversos fenômenos dos meios de comunicação a concepção de que eles fazem parte de um sistema que se articula à lógica da vida social. E que, nas sociedades modernas, esses meios ocupam um lugar privilegiado de produção e reprodução do real, tornando-se poderosos agentes na organização do espaço relacional (Hobsbawn, 1995). É, portanto, no foco da interação entre o noticiado e o público que essa dissertação se propõe a investigar. As notícias foram na pesquisa importantes agentes de discussão e reflexão sobre o tema. O segundo e o quarto capítulo em especial dedicam-se à elucidação do papel dos jornais na pesquisa.

Concomitante a coleta e arquivamento das notícias de jornal, uma pesquisa teórica foi desenvolvida, tendo como propósito definir o conceito de ‘vulnerabilidade’, uma vez que consideramos ser este um conceito central para compreendermos a vivência cotidiana da juventude com o risco e a morte. O terceiro capítulo, portanto tratou da revisão bibliográfica acerca do conceito, buscando particularidades e atentando para as especificidades referentes à pesquisa. Essa investigação sobre o termo levou-nos a divisão do conceito em três categorias: individual, social e institucional.

O quarto capítulo trouxe o jornal à cena mais uma vez, desta vez privilegiando sua capacidade de ilustrar a questão e engatilhar o debate nas *rodas*

¹ Na prática jornalística essas seis perguntas constituem o ‘*lead*’ e devem estar presente logo no primeiro parágrafo da reportagem.

de conversa. Este capítulo explica como o jornal auxiliou o desenvolvimento de atos de fala a partir das notícias ali apresentadas.

Na terceira etapa da pesquisa, as notícias coletadas serviram de material para reflexão, no contexto da realização de oficinas com jovens de diferentes segmentos sociais, promovendo um debate sobre as múltiplas faces da vulnerabilidade, evidenciando como os jovens reconhecem ou ignoram a realidade demonstrada pelas notícias. Assim, foram realizadas, no período de maio a agosto de 2009, três oficinas, aqui caracterizadas como *rodas de conversa*, que serão apresentadas detalhadamente ao longo deste trabalho. O capítulo cinco apresenta os jovens participantes e traça o percurso da pesquisa de campo.

O capítulo seis contemplou o resultado das *rodas de conversa* a partir das notícias apresentadas aos jovens. Dividida em subcapítulos, esta parte da dissertação apresentou os temas que cada notícia suscitou no repertório pessoal dos jovens e explicitou as questões mais recorrentes relacionadas às situações de violência e estados de vulnerabilidade expostas nas notícias. O capítulo sete retoma a fala dos jovens e aborda outro aspecto desenvolvido das *rodas de conversa*: a consciência do risco e a noção da morte como uma realidade que permeia a faixa etária pesquisada. Este último capítulo busca responder de forma mais objetiva as perguntas propostas nessa introdução.

De maneira geral, a pesquisa teve como propósito estimular a reflexão acerca dos modos pelos quais a violência urbana e a vulnerabilidade afetam a experiência subjetiva da juventude em relação à morte, oferecendo subsídios para os profissionais, que desenvolvem trabalhos voltados para este público, criarem alternativas intervencionistas de caráter preventivo. Além disto, a intenção desta pesquisa é a de incentivar o desenvolvimento de políticas públicas para a juventude circunstanciadas na participação efetiva deste segmento social, uma vez que este se revela um campo de atuação permeado por controvérsias que demandam soluções urgentes, mas, principalmente, soluções competentes dos profissionais desta área.